

DO HUMANITÁRIO AO POLÍTICO: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO ACOLHIMENTO DOS REFUGIADOS VENEZUELANOS NO BRASIL

Camila da Silva Lucena¹

Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos sobre o refugiado venezuelano no Brasil, em comentários de leitores no espaço virtual. Nosso interesse por essa temática se deve ao grande destaque dado pela mídia aos êxodos migratórios atuais, sendo o Brasil um dos países que entrou para a lista de destino de muitos refugiados, principalmente, para venezuelanos a partir do início do ano de 2018. Desse modo, partindo dos pressupostos da Análise do discurso de linha pecheuxtiana, mobilizamos a noção de condições de produção (PÊCHEUX, 1969), para recuperar e entender as condições do acolhimento dos refugiados venezuelanos em ano de eleição no país e como isso determina a recepção do venezuelano no Brasil. Para tanto, selecionamos comentários de leitores do El país Brasil, uma vez que representa um veículo de grande participação na seção comentários e por não apresentar uma unicidade de opiniões, expondo comentários opostos, e, por sua vez, discursos outros que enriquecem a análise. Em termos metodológicos, iniciamos a discussão refletindo um pouco sobre o espaço virtual e seu funcionamento através de Lévy (1996) e Mittmann (2013). Em seguida, ainda pensando o espaço virtual, consideramos o espaço dos comentários como um meio de engajamento político a partir de Cunha (2012). Com isso, analisamos especificamente a luta de vozes e a recuperação de discursos outros nos comentários dos leitores sobre a entrada e o acolhimento dos venezuelanos no Brasil, considerando a noção de interdiscurso de Pêcheux (1975), dialogando com o conceito de não-coincidências do dizer de Authier-Revuz (1998, 2004), com a qual entendemos que todo sujeito traz constitutivamente em si marcas evidentes ou não do discurso do outro.

Desse modo, iniciamos a discussão afirmando que no ano de 2018 o Brasil começou a enfrentar crise migratória. Apesar de já receber refugiados de distintos países nos últimos anos, a situação tornou-se preocupante quando um grande número de venezuelanos começou a cruzar a fronteira, após uma longa caminhada em busca de comida e de cuidados com a saúde. Segundo dados da Polícia Federal, em março de 2018, quase mil venezuelanos entraram por dia no Brasil, através da cidade de Pacaraima, Roraima. Com isso, uma crise toma conta do Estado e, além da questão financeira, uma onda de xenofobia complica a chegada e o acolhimento dos venezuelanos não só em Roraima, mas também em todo o país.

A questão da xenofobia tornou-se pior, por ser ano de eleição no Brasil. O país encontra-se dividido, com ânimos exaltados e a internet foi o espaço onde essas questões foram manifestadas. A Venezuela e os venezuelanos, carregando um estigma de “ser de esquerda”, foram tomados como exemplos do que seria um governo de esquerda e usados com fins eleitorais, como aquilo que se deve evitar no Brasil. Nessas

¹ Doutoranda em Linguística, UFPE, contato: camila.lucena@live.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

condições de produção, o espaço virtual foi um dos ambientes onde os discursos sobre os refugiados venezuelanos ecoaram com mais força.

Apesar da internet trazer mudanças significativas ao modo de agir das pessoas, é preciso levar em conta que “os discursos no âmbito do ciberespaço apenas reproduzem os discursos desde sempre já presentes na sociedade”. (MITTMAN, 2013, p.234). Isto é, através do espaço virtual, ocorre a potencialização dessa luta de classes e desses discursos. E assim como os dizeres já cristalizados da sociedade vão para o virtual, este também vai produzir efeitos na sociedade, apontando, dessa forma, para a constituição dialética e dinâmica desse ambiente. Desse modo, o espaço dos comentários se apresenta como uma amostra extremamente relevante para analisar as discursividades (re)produzidas no ciberespaço. Isso é possível graças à evolução da internet, que traz novas atividades e gêneros para o cotidiano das pessoas. Segundo Cunha (2012), o gênero comentário eletrônico sofreu uma crescente expansão devido ao uso de redes sociais e das novas tecnologias, não só por parte dos usuários, mas também devido ao uso desses recursos por jornais, empresas, órgãos públicos etc. Ainda segundo a autora, nesse espaço, a voz do leitor tornou-se onipresente, uma vez que ele pode comentar e se fazer presente em vários lugares, não importando a simultaneidade com determinada publicação, dado que, como afirma Lévy (1996), a desterritorialização do espaço e do tempo é uma característica constitutiva do espaço virtual. De acordo com Cunha (2012), o gênero comentário representa uma nova maneira de interação do público com um veículo de comunicação. É mais eficaz que a carta do leitor, por exemplo, que, porque passava por uma equipe avaliativa, muitas vezes, não era publicada. Com relação ao comentário, por ser um fenômeno possível a partir da internet, as formas de controle são menores, tornando esse gênero dinâmico e rotativo. Com o comentário, o leitor tem a possibilidade de expor o seu ponto de vista, de questionar o que está sendo dito, trazendo outros discursos e argumentos, como também tem a possibilidade de interagir com outros leitores, constituindo, assim, uma longa rede discursiva que dialoga com a primeira (isto é, com o texto-fonte) construindo, do mesmo modo, outros sentidos.

Para tentar recuperar alguns desses outros sentidos, já que com Pêcheux ([1969], 2014), entendemos que é impossível definir uma origem das condições de produção, uma vez que elas fazem parte de uma rede de discursos que estão em relação com outros discursos, sendo impraticável, desse modo, recuperar o início. Contudo, é possível fazer corresponder um processo de produção a dadas condições de produção de um discurso e para isso dialogamos com o que não-coincidências do dizer de Authier-Revuz (1998, 2014).

Sobre esse caráter “impossível” Pêcheux ([1969] 2014, p. 87) afirma:

Que um estado dado das condições de produção deveria ser compreendido como resultando de processos discursivos sedimentados: vê-se que é, pois, impossível definir uma origem das condições de produção, pois esta origem, a rigor impensável, suporia uma recorrência infinita.

Assim, o autor define os elementos estruturais pertencentes às condições de produção: o contexto sócio histórico e ideológico, que trazem processos discursivos anteriores, de outras condições de produção,

acionados pela memória e os protagonistas do discurso, sujeitos determinados socialmente, representados nos discursos. Sobre esse sujeito, é necessário fazer algumas considerações.

Para a teoria da Análise do Discurso pecheuxtiana, a noção de sujeito é muito importante, dado que, a partir dela, conseguimos apreender o funcionamento de outras noções como a de condições de produção, por exemplo. Para aqueles que se aventuram pela AD, é necessário entender que esse sujeito não é aquele empírico, livre de determinações históricas, mas sim um sujeito que tem uma dimensão sócio histórica e ideológica. Para Pêcheux ([1975] 2009, p. 148), a partir dessas dimensões, ocorrem “pontos de estabilização” nos “domínios de pensamento”, resultando na produção do “sujeito, com, simultaneamente, aquilo que lhe é dado ver, compreender, fazer, temer, esperar etc”. Desse modo, tal sujeito não é dono do seu dizer, pois é condicionado a ver, a compreender, a fazer, etc, de determinada forma pela ideologia que o constitui. Como Althusser (1970, p. 93) define, “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”. Contudo, o sujeito não dá conta desse processo, porque, além da ideologia, é afetado também pelo inconsciente. Sendo assim, “o sujeito é interpelado ideologicamente, mas não sabe disso e suas práticas discursivas se instauram sob a ilusão de que ele é a origem de seu dizer e domina perfeitamente o que tem a dizer” (INDURSKY, 2008, p. 11).

Sobre essa ocultação do inconsciente, Pêcheux ([1975] 2009, p. 161) entende que isso funciona a partir de dois esquecimentos designados como número 1 e número 2. Tal como o autor define, o esquecimento número 2 é da ordem da língua. O sujeito “re-produz” um enunciado de forma “consciente” ou “pré-consciente” e se autocorrige quando percebe escolhas erradas. Podemos comparar isso ao ato falho da enunciação. Já o número 1 é o esquecimento da ordem do inconsciente. É o que constitui o indivíduo enquanto sujeito, pois este não se dá conta de que está determinado ideologicamente, achando-se, assim, a origem do dizer.

Porém, isso não quer dizer que o sujeito seja completamente ignorante aos processos discursivos e ideológicos que o atravessam. Mas o que gostaríamos de frisar é que ele não consegue dar conta de todo esse processo e, mesmo que questione uma posição ideológica à qual esteja vinculado, ele já estará determinado por outra, sobre a qual o inconsciente atuará novamente. Diante disso, os analistas do discurso de vertente pecheuxtiana se interessam por analisar como o lugar que o sujeito ocupa determina seu dizer.

Para falar sobre a teoria das não-coincidências do dizer de Authier-Revuz (1998, 2014), é comum retomar a noção de Interdiscurso de Pêcheux (1975), já que através de um diálogo com esse autor, ela começa a considerar essa noção (interdiscurso) como um modo da heterogeneidade. Assim, precisamos recuperar como se deu esse diálogo entre os atores e como essas noções foram sendo mobilizadas. Grosso modo, a teoria pecheuxtiana é dividida em três fases que vão desde uma perspectiva mais homogênea do sentido, até uma abordagem que leva em conta a heterogeneidade de sua construção e do seu funcionamento. Authier-revuz parte desse desenvolvimento e considera 4 não-coincidências do dizer.

Desse modo, para a autora, o interdiscurso representa uma forma da heterogeneidade mostrada, uma vez que, através dele, se consegue identificar uma “relação entre o externo e o interior do sujeito, sendo possível identificar isso no fio discursivo” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 183). Com isso, a autora define quatro campos de “não-coincidência do dizer ou de heterogeneidade” que alteram localmente o dizer. São eles: a) a não-coincidência interlocutiva entre os dois co-enunciadores; b) a não-coincidência do discurso consigo mesmo, afetado pela presença em si de outros discursos; c) a não-coincidência entre as palavras e as coisas; e a d) não-coincidência das palavras consigo mesmas. (1998, p. 20-21). Essas quatro não-coincidências apresentam estratégias comunicacionais e de negociação entre os sentidos e os co-enunciadores. Poderemos identificar, por exemplo, estratégias de precaução, de diferenciação, como também de denegação.

Abaixo selecionamos alguns exemplos do portal de notícias online *El país* e os analisamos segundo a classificação das não-coincidências do dizer de Authier-Revuz (1998, 2004).

A seguir, marcas das não-coincidências do discurso consigo mesmo:

Comentário 1²

A Venezuela? O paraíso bolivariano? Só pode ser manipulação da mídia. Fugir p o Brasil ? Tantos países melhores, Cuba, Bolívia, Equador.

Curtir · Responder · 48 sem



Comentário 2

Ué? Eles estão fugindo do "excesso de democracia"?

Curtir · Responder · 48 sem



Com relação a esses 6 primeiros comentários, os classificamos como “não-coincidência do discurso consigo mesmo”, por representarem dizeres que pertencem a outros discursos, muitas vezes o discurso da esquerda, através dos quais os usuários se apropriam e retomam ironizando, promovendo uma “interdiscursividade representada” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23). No comentário 1, encontramos a retomada do discurso do outro, ironizando o fracasso de um país socialista e do regime bolivariano. O usuário ainda questiona o porquê da vinda dos venezuelanos ao Brasil, tendo outros países como opções, como Cuba e Bolívia, já que são países que também compartilham da ideologia socialista ou da esquerda. Nesse caso, dialogando também com um dizer bem como de ataque à esquerda, isto é, o famoso bordão “vai pra Cuba”. Tudo isso enfatizado pelo uso seguido de perguntas, que atuam no texto dando destaque a

² Os seis primeiros comentários foram coletados da seguinte notícia: Onde estão esses 7% de venezuelanos forçados a fugir. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/26/internacional/1535307553_501641.html?fbclid=IwAR13fP3xFl4UXUZ0veVscOhEyF13VzNPZpqsE4ig4FwnhFRzoQ4GNShGsk. Acesso em: 15 dez. 2018.

palavras que vem de outro lugar, como *paraíso bolivariano*, designação que faz referência a revolução bolivariana, tão exaltada por Chávez e seus apoiadores. Assim, o sujeito se apropria da palavra do outro, de modo irônico causando aquilo que Authier-Revuz (199, 8p. 22-23) chama de “presença estranhas de palavras” que vem do “já-dito dos outros discursos”. Tais conclusões podemos constatar a partir da entoação expressiva que o sujeito dá ao enunciado através do uso da ironia, das aspas, da repetição de interrogações ou mesmo da retomada de palavras, tradicionalmente, pertencente a outro lugar, o interdiscurso de Pêcheux, retomado por Authier-Revuz para fundamentar essas marcas de apropriação que não se dão efetivamente pela língua, mas pelo discurso,

A seguir, um exemplo da não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Comentário 7

“Acorda” ou será a imprensa brasileira
acorda, faz meses que isso está na Internet e só agora os
“jornalista” falam em acordar.

Curtir · Responder · 48 sem

No comentário 7, o usuário faz referência ao título da reportagem³ que traz que o Brasil acorda com sua própria crise de refugiados. Porém, o usuário não concorda com a proposição e aponta que a palavra “acordar”, empregada pelo o outro, não está adequada, uma vez que a situação acontece há algum tempo, mas, segundo ele, só recentemente a mídia passou a noticiar. Com isso, acontece a rejeição ao sentido da palavra para tal contexto e sua reclassificação, para insinuar que foi a mídia que “acordou” para esse fato. Desse modo, esse exemplo está de acordo com o que Authier-Revuz define para essa não-coincidência que é “o encontro dos enunciadores com o equívoco que joga em suas palavras” (1998, p. 25).

Por fim, identificamos uma luta de vozes que confirmam como o sujeito é constituído pelo outro, recuperando os grupos sociais ao qual pertencem, através da análise do conteúdo enunciativo-discursivos dos comentários, ao assumirem determinada posição quando falam sobre a situação dos refugiados venezuelanos. Podemos observar, por exemplo, o trabalho de mobilização do dizer alheio por meio da ironia, para refutar a ideia do outro, funcionando nesse momento, os dizeres não-coincidentes “onde se faz o sentido, nutrido dessas heterogeneidades que o distinguem da fixidez una do signo” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26).

³ Comentário coletado da notícia: Com 40.000 venezuelanos em Roraima, Brasil acorda para sua ‘crise de refugiados’. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/politica/1518736071_492585.html?%3Fid_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR2_y1ARfysANIIM4S7Zj5dXBxQUnjRB4FrOKDpiAFB8_plfgb5_T1L3a8I. Acesso em: 15 dez 2018.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004.
- CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Revista investigações*, Recife, v. 25, n. 2, p. 21-41, 2012.
- CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidóscópio* (online), v. 11, n. 3, p. 241-249, 2013.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- MITTMANN, S. O conservadorismo em comentários na rede: identidade, alteridade e contradição. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M.C.; MITTMANN, S. (org.) *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 233-262.
- PÊCHEUX, M.(1975). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Ed. da Unicamp. Campinas, 1997.
- PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Organon*, v. 16, n. 32-33, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782>. Acesso em: 04 dez. 2018